

renúncias de um Vicente de Paulo. O sensualismo de Madalena foi expurgado nos prantos amargosos da expiação e do arredendimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobramento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, ve-la-emos de novo, arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante compreensão, para entender a Verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere esses realismos que nos edificam e nos salvam.

E, como um anjo de Dor á cabeceira do seu filho, eleve o seu apêlo ao coração augusto d'Aquele que remove as montanhas com o sôpro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito, como um calice de perfume, derramado ao clarão das estrelas que enfeitam o trono invisível do Altíssimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece, como candida oferta da sua alma sofredora, á magnanimidade daquela que foi a Rosa Mística de Nazareth. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado de mãe que chora na Terra se illumine a uma claridade estranha e misericordiosa. Seu lar desditoso e humilde será por instantes um altar dessa luz invisível para os olhos mortais. Duas mãos de nevoa translúcida pousarão como assucenas sobre a

sua alma oprimida e uma voz carinhosa e emba-ladora murmurará aos seus ouvidos:

— “Sim, minha filha !... ouvi a tua prece e vim suavisar o teu martirio, porque também tive um filho que morreu ignominiosamente na cruz.”

23 de agosto de 1935.

O TÊTE-A-TÊTE DAS SOMBRAS

Quando ainda no mundo, não me era dado avaliar o “tête-à-tête” amigável dos Espíritos, á maneira dos homens, apenas com a diferença de que as suas palestras não se desdobram á porta dos cafés ou das livrarias.

E é com surpresa que me reúno áqueles que estimo, quando se me apresentam oportunidades para uns dedos de prosa.

Estávamos nós, quatro almas desencarnadas, como se fôssemos no mundo quatro figuras apocalípticas, discutindo ainda as coisas mesquinhas da Terra e a palestra versava justamente sobre a evolução das idéias espíritas no Brasil.

— “Infelizmente — exclamava um dos do grupo, projecta figura dessas doutrinas, desencarnado ha bons anos no Rio de Janeiro, — o que infesta o Espiritismo em nossa terra

é o mau gosto pelas discussão estereis. O nosso trabalho é continuo, para que muitos confrades não se engalfinhem pela imprensa, demonstrando-lhes, com lições indirectas, a inutilidade das suas polemicas. Mesmo assim, a doutrina tem realizado muito. As suas obras de caridade cristã estão multiplicadas por toda parte, atestando o labor do Evangelho."

Foi lembrada então a figura respeitavel de Bittencourt Sampaio, no principio da organização espirita no paiz, recordando-se igualmente a covardia de alguns companheiros que, guindados a prestigiosas posições na sociedade e na politica, depressa esqueceram o seu entusiasmo de crentes, bandeando-se para o oportunismo das ideologias novas.

Ia a conversação a essa altura, quando o Dr. C., um dos mais caridosos facultativos do Rio, recentemente desencarnado, cujo nome não devo mencionar respeitando os preconceitos, que se estendem ás vezes até aqui, explicou:

— "É pena que venhamos a compreender tão tarde o Espiritismo, reconhecendo a sua logica e grandeza moral, só depois do nosso regresso do mundo.

"Nós, os medicos, temos sempre o cerebro trabalhado de canseiras, na impossibilidade de resolver o problema da sobrevivencia. É certo que nunca se encontrará o ser na autopsia de um cadaver, mas, tudo na vida é uma vibração

profunda de espiritualidade. Como a ciencia, porém, vigia as suas conquistas do Passado, ciosa dos seus dominios, ainda que sejamos inclinados ás verdades novas, somos obrigados, muitas vezes, a nos retrair, temendo os Zarastras da sua infalibilidade.

"Eu mesmo, nos meus tempos de clinica do Rio de Janeiro, fui testemunha de casos extraordinarios, desenrolados sob as minhas vistas. Todavia, fui tambem presa do comadismo e do preconceito."

E o Dr. C., como se mergulhasse os olhos no abismo das coisas que passaram, continuou pausadamente:

— "Eu já me encontrava com residencia na praia de Botafogo, quando lavrou na cidade um surto epidemico de gripe, aliás com minima repercussão, comparado á epidemia de após a guerra. E como sempre contava, entre aqueles que recorriam á minha atividade profissional, diversos amigos pobres dos Mórros e particularmente da Prainha, foi sem surpresa que, numa noite fria e nevoenta, abri a porta para receber a visita de uma garota de seus dez anos, humilde e descalça, que vinha, tremula e acanhada, solicitar os meus serviços.

— "Doutor, dizia ela, a mamãe está muito mal e só o senhor pode salva-la... Quer fazer a caridade de vir comigo?"

"Impressionaram-me a sua graça infantil

e o estranho fulgor dos seus olhos, junto ao sorriso melancólico que brincava na sua boca miúda.

“Considerarei tudo quanto esperava a minha atenção urgente e procurei convence-la da minha impossibilidade de a seguir, prometendo atende-la no dia imediato. Todavia, a minha pequena interlocutora exclamou com os olhos rasos d’agua:

— “Oh! doutor, não nos abandone. Ninguém, a não ser a proteção de Deus, vela por nós neste mundo. Se o senhor não quiser nos auxiliar, a mamãe estará perdida e ela não pode morrer agora. Venha!... o senhor não teve também uma mãe, que foi o anjo de sua vida?”

“A última frase dessa menina tocou fundo o meu coração e me lembrei dos tempos longínquos, em que minha mãe embalava os sonhos da minha existência, comprando-me com o suor da sua pobreza honesta os alfarrabios e o pão.

“Eu devia auxiliar a essa pequena, fosse onde fosse. A medicina era o meu sacerdotio e dentro da noite chuvosa que amortalhava todas as coisas, como se o céu invisível chorasse sobre as trevas do mundo, o taxi rolava conosco, como um fantasma barulhento, atravessando as ruas alagadas e desertas. Aquela menina, triste e silenciosa, tinha os olhos brilha-

tes, perdidos no vazio. Seu corpo magrinho recostava-se inteiramente nas almofadas, enquanto os seus pés minúsculos se escondiam nas franjas do tapete. Lembrando as suas frases significativas, quiz reatar o fio do nosso dialogo: “Ha muito tempo que sua mãe se acha doente?”

— “Não, senhor. Primeiro, fui eu; enquanto estive mal, tanto a mamãe cuidou de mim, que até caiu cansada e enferma também.”

— “Que sente a sua mãe?”

— “Muita febre. As noites são passadas sem dormir. Às vezes, grito para os vizinhos, mas parece que não me ouvem, pois estamos sempre as duas isoladas... Costumamos chorar muito com esse abandono; mas, diz a mamãe que a gente precisa sofrer, entregando a Deus o coração.”

— “E como soube você onde moro?”

— “Foi a visita de um homem que eu não conhecia. Chegou devagarinho á nossa porta, chamando-me á rua, dizendo-se amigo que o senhor muito estima; e, ensinando-me a sua casa, prometeu que o senhor me atenderia, porque também havia tido uma mãe boa e carinhosa.”

“Nosso dialogo foi interrompido. A pequena enigmática mandou parar o carro. Apon- tou o local de sua residência, estendendo a mão descarnada e miúda e, com poucos passos, ba-

tíamos á porta modesta de uma choupana miserável.

— “Espere, doutor, disse ela, eu lhe abrirei a porta passando pelos fundos.”

“E, já inquieta, desembaraçada, desapareceu sob as minhas vistas. Uma tamarela deslizou, com cuidado, no meio da noite e entrei no casebre. Uma lamparina bruxoleante e humilde, que iluminava a saleta com o seu clarão pálido, deixava ver, no catre limpo, um corpo de mulher desfigurado e disforme. O seu rosto, sulcado de lágrimas, era o atestado vivo das mais crueis privações e dificuldades. Niobe estava ali petrificada na sua dor. Todos os martirios se concentravam naquele pardierio abandonado. Às minhas primeiras perguntas, respondeu, numa voz suave e debil:

— “Não, doutor, não tente arrancar a minha alma desesperada das garras da Morte! Nunca precisei tanto, como agora, de deixar para sempre o calabouço da Vida!”

“E prosseguia, delirando: — “Nada me resta... Deixem-me morrer!...”

“Sobrepuz, porém, a minha voz ás suas lamentações e exclamei com energia:

— “Minha senhora, vou tomar todas as providencias que o seu caso está exigindo. Hoje mesmo cessará esse desamparo. Urge reanimar-se! Resta-lhe muita coisa no mundo,

resta-lhe essa filha afetuosa, que espera o seu carinho de mãe extremosa!...”

— “Minha filha? — retrucou aquela criatura, meio-mulher e meio-cadaver — Duas grossas lágrimas feriram fundo as suas faces empalidecidas. — Minha filha está morta desde ante-ontem!... Olhe, doutor, aí no quarto e não procure devolver a saúde a quem tanto necessita morrer!...”

“Então, espantado, passei ao apartamento contiguo. O corpo de cêra daquela criança miseriosa, que me chamara nas sombras da noite, ali estava, envolvido em panos pobres e claros. O seu rosto imovel de boneca magrinha era um retrato da privação e da fome. Os grandes olhos fulgurantes estavam agora fechados e na boca miúda pairava o mesmo sorriso suave das almas resignadas e tristes.

“Eu deslizara nas avenidas com uma sombra dos mortos.”

E, cobrindo melancolicamente o painel das suas lembranças, o nosso amigo terminou:

— “Decorridos tantos anos, ainda ouço a voz do fantasma pequenino e gracioso; e, na luta da Vida, muita vez me ocorreu o seu conselho suave, que me ensinou a sofrer, entregando a Deus o coração.”

28 de Agosto de 1935.